



# As relações entre Ecolexicografia e Lexicografia Pedagógica

The relations between Ecolexicography and Pedagogical Lexicography

*Davi B. Albuquerque\**

---

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar a Ecolexicografia e as contribuições que esta disciplina oferece à Lexicografia Pedagógica. Para tanto, faz-se necessário expor a Ecolinguística, uma nova disciplina que está relacionada à Ecolexicografia, bem como apresentar os subsídios de uma proposta ecolexicográfica. Após essa apresentação, é elaborada uma discussão a respeito dos indivíduos envolvidos no processo ecolexicográfico (os ecolexicógrafos, os professores e os aprendizes). Ao final do artigo, é apresentada uma análise de verbetes para ilustrar as técnicas da Ecometalexicografia.

**ABSTRACT:** This paper aims to present Ecolexicography and its contributions to pedagogical lexicography. Thus, Ecolinguistics is introduced as a recent discipline, its relationships with ecolexicography and it is discussed the assistance that ecolexicography can offer to pedagogical lexicography as well. Furthermore, a discussion on people related to ecolexicography – ecolexicographers, teachers and learners – will be elaborated. Finally, an analysis of dictionary entries will be conducted to elucidate the ecometalexicography technic.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecolexicografia. Ecolinguística. Lexicografia Pedagógica.

**KEYWORDS:** Ecolexicography. Ecolinguistics. Pedagogical lexicography.

---

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, ocorreu uma série de avanços tecnológicos e científicos que modificaram diversas áreas do saber, alterando-se igualmente as concepções e as práticas dos mais variados profissionais. O ensino de língua materna e de línguas estrangeiras não ficou de fora desse desenvolvimento. No Brasil, algumas áreas

---

\* Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: [albuquerque07@gmail.com](mailto:albuquerque07@gmail.com).

relacionadas ao ensino conquistaram maior espaço entre os pesquisadores, principalmente nos programas de pós-graduação das universidades e no mercado editorial, como a Linguística Aplicada e o estudo dos gêneros textuais.

A Lexicografia Pedagógica, que se dedica ao estudo e elaboração de dicionários para finalidades escolares, ainda não possui um reconhecimento como as disciplinas citadas acima no âmbito da reflexão sobre Ensino e em Linguística Aplicada. Mesmo que se tenha alcançado avanços significativos nos últimos anos, principalmente no reconhecimento da Metalexicografia, há muito a ser conquistado no que se refere à produção de obras lexicográficas pedagógicas. Afinal, “os dicionários verdadeiramente pedagógicos disponíveis no Brasil são obras traduzidas ou adaptadas empreendidas por lexicógrafos estrangeiros e, por isso, nem sempre apresentam melhor adequação para os brasileiros” (DURAN; XATARA, 2007, p. 205).

Sobre os diferentes prestígios e reconhecimentos de vários tipos de conhecimentos, há filósofos da ciência, linguistas e ecolinguistas que explicam a ascensão de certas ciências/disciplinas, e o esquecimento de outras, por meio de questões de discurso e poder. Tal posicionamento remonta ao conceito de paradigma científico de Kuhn (1962). Em Makkai (1993), que se baseou em Agassi (1982), o autor observa que tanto na história da ciência, quanto na linguística, foi fundamental para a configuração atual de ambas as disciplinas o poder, ou seja, as teorias que dominam o meio acadêmico foram aquelas que ganharam a ‘corrida’ do poder ideológico, político, social, financeiro etc., possuindo seu prestígio mais por este motivo do que ser uma teoria mais apta para descrever seu objeto<sup>1</sup>.

Diante do cenário apontado acima, surgiu uma abordagem distinta para o estudo da linguagem, que é conhecida como Ecolinguística. De acordo com a história

---

<sup>1</sup> Finke (2014, 2017) apresenta uma extensa discussão sobre o tema, afirmando, entre outros argumentos, que a Ecolinguística não possui um lugar de destaque no meio acadêmico também pelos seguintes fatores relacionados ao poder: grande parte dos pesquisadores são novos, seus artigos são publicados em periódicos de baixo impacto e poucos escrevem em inglês.

recente da Ecolinguística, a concepção desta data da década de 1970, com o linguista Einar Haugen (1972), que a definiu como o estudo das relações entre língua e meio ambiente<sup>2</sup>. Esta abordagem vem sendo refinada por seus praticantes nas últimas décadas. Assim, a Ecolinguística apresenta diversas teorias, ramificações, metodologias e faz interface com diversas áreas do conhecimento e da Linguística, destacando-se a Ecoléxicografia, conforme será discutido nas seções (2) e (3). Todavia, a Ecolinguística mesmo sendo elaborada como uma alternativa, bem como uma crítica, a certas práticas vigentes, como as mencionadas anteriormente, ainda assim ela continua sendo malvista ou até desconhecida por grande parte dos pesquisadores<sup>3</sup>.

A Ecolinguística parte da Ecologia Biológica, que se preocupa com organismos, as interações e o ecossistema. Vale lembrar que a Ecologia tem sido definida como sendo o estudo científico das interações entre os organismos de determinada área e seu meio ambiente, tais como as interações entre organismos (ODUM, 1971, p. 8), enquanto o ecossistema consiste nas interações entre os organismos numa determinada área, levando em consideração seu meio ambiente. Essas interações podem se dar tanto entre os organismos e o meio, quanto entre os diferentes organismos.

Desta maneira, a Ecolinguística distingue duas posturas para o estudo ecológico das línguas, uma que se preocupa com as relações entre as línguas, e as línguas com o meio ambiente, outra que investiga as inter-relações existentes em uma língua. Esta distinção foi elaborada inicialmente por Makkai (1993), que propôs a terminologia de 'linguística exoecológica' para a primeira, e 'linguística endoecológica' para a segunda. Couto (2007, 2013, 2015, 2016) em sua Teoria Ecolinguística, a Linguística

---

<sup>2</sup> Para um histórico dos estudos ecológicos em geral, ver Fill (2017), para uma história da Ecolinguística, bem como das diferentes abordagens ecológicas para os estudos da linguagem, ver Couto (2014) e Fill (2017).

<sup>3</sup> Optamos por fazer uma introdução detalhada sobre a Ecolinguística e a Ecoléxicografia pelo fato de haver, no Brasil, poucos trabalhos nestas duas áreas.

Ecossistêmica, também adota a distinção de Makkai (1993). Outro linguista, Calvet (1999) faz essa mesma separação, porém chama de 'macrolinguística' e 'microlinguística'. Essa exoecologia linguística estuda as relações entre as línguas, entre língua e seus falantes, e entre língua-território. Já a linguística endoecológica dedica-se ao sistema da língua ou aos níveis de análise, com isso é possível falar de um 'ecossistema sintático', 'ecossistema morfológico', 'ecossistema fonológico', entre outros. Há até pesquisas sobre a 'ecologia da gramática' (STEFFENSEN, 2008) e da 'ecologia do texto' (MEY, 2016).

Como tanto a Ecolinguística, quanto a Ecolexicografia são, assim, disciplinas recentes e ainda em desenvolvimento, o número de conhecedores e/ou praticantes é reduzido, mesmo com a atualidade de se modificar a visão de mundo pernicioso<sup>4</sup> que nossa sociedade apresenta e a urgência de se cuidar do meio ambiente, sendo que este é apenas um dos três grandes níveis em que a Ecolinguística procura atuar (FILL; PENZ, 2017, p. 441). No entanto, algumas áreas do saber já vêm alertando e ensinando a respeito desses problemas, como: a Análise do Discurso, o Ecoletramento, a Ecocrítica, a Ecologia Biológica e a Ecologia Filosófica. Todas as mencionadas estão relacionadas à Ecolinguística e à Ecolexicografia.

De acordo com Fill e Penz (2017, p. 442), esses três níveis de atuação da Ecolinguística são: o da diversidade linguística e todas as áreas afins, em que o ecolinguista procurará estudar minorias linguísticas, línguas ameaçadas, perda de língua e suas relações com perda de espécies, diversidade linguística e diversidade ambiental, a proteção e manutenção de línguas, espécies e meio ambientes; as relações 'língua-discurso-meio ambiente', verificando de que maneira a língua e o discurso

---

<sup>4</sup> As características mais criticadas por ecolinguistas da visão de mundo atual de nossa sociedade são aquelas relacionadas à globalização e seus malefícios a indivíduos, a grupos de indivíduos e a todas as espécies, como: destruição de todo tipo de diversidade (linguística, cultural, étnica, religiosa, biológica etc.); desvalorização da vida e do meio ambiente; ênfase apenas nos aspectos econômicos da vida em sociedade, em detrimento das demais relações humanas, animais e ambientais.

possuem papel na descrição, criação, aumento, prevenção ou solução de problemas ambientais; a da Ecolinguística como uma ciência transdisciplinar, tratando de estudos teórico-filosóficos a respeito da Ecolinguística, sendo que tal natureza transdisciplinar é um reflexo do próprio ecossistema, neste há uma interdependência entre meio ambiente e as espécies, naquele, entre os objetos/as coisas e as ideias.

Antes de se iniciar as discussões e análises deste artigo, vale a pena tecer algumas breves palavras sobre a Ecolexicografia, que será melhor detalhada na seção (3). A Ecolexicografia foi proposta inicialmente por Sarmiento (2000) e expandida pelo mesmo autor nos anos seguintes (SARMENTO, 2002, 2005).

A Ecolexicografia pode ser definida de duas maneiras: uma ciência que, formada a partir das duas áreas congêneres, a saber: a Ecolinguística e Lexicografia, busca apresentar teorias e metodologia próprias para a elaboração de obras ecolexicográficas; uma técnica que fornece elementos para a elaboração e análises macroestruturais e microestruturais.

Ademais, como uma área da Ecolinguística, a Ecolexicografia tem como objetivos os mesmos três níveis mencionados anteriormente (FILL; PENZ, 2017), já que em seus aspectos teóricos procura responder uma série de questões, principalmente relacionadas ao papel que as palavras podem assumir em nosso mundo (criador, mantenedor, destruidor) e, a partir dessas perguntas, surgem várias outras a respeito de quais são elementos ecológicos existentes nas línguas e como eles influenciam a visão de mundo do falante, como podem modificar o mundo, como esses elementos podem ser encontrados, analisados, divulgados etc. na língua, entre outras questões.

Desta maneira, a Ecolexicografia como ciência procura fornecer subsídios para o ecolexicógrafo elaborar tanto dicionários, quanto definições distintas do que a Lexicografia vem oferecendo até o momento, pois oferece ao lexicógrafo: uma nova maneira de se enxergar o mundo (a visão ecológica de mundo, ou simplesmente VEM, que será explicada mais adiante) e as palavras; torna-o consciente do poder que as

palavras têm para o falante e para o mundo; chama atenção e oferece também maneiras de se identificar os elementos ecológicos nas línguas; propõe uma nova estrutura de verbete e definição (ver fig. 2 mais abaixo), que enfatiza mais os efeitos e resultados no mundo de uma palavra. Esta discussão é apresentada de maneira detalhada na seção (3) sobre os aspectos teóricos da Ecolexicografia.

Ao se preocupar com as palavras no mundo, a Ecolexicografia, como ciência, atua no primeiro nível de objetivo da Ecolinguística, enquanto a Ecolexicografia como técnica atua no segundo nível, já que a técnica ecolexicográfica, que será apresentada na seção (5) numa análise de alguns verbetes de dicionários escolares, disponibiliza ferramentas para análise de dicionários à luz da Ecolinguística, preocupando-se mais com os efeitos e resultados que uma definição específica de uma palavra pode causar nos indivíduos ou no mundo. Ainda, isto está em consonância com o Ecoletramento, que possui relação próxima com a Ecolexicografia, já que aquele trata do desenvolvimento, principalmente por meio do ensino e da educação, da capacidade dos indivíduos de ter um “pensamento favorável à desconstrução do paradigma antropocêntrico que caracteriza as sociedades ocidentais e as suas consequências mais diretas”, sendo a principal delas a “do homem como legítimo explorador do meio natural em seu proveito” (RAMOS; RAMOS, 2013, p. 17). O desenvolvimento dessa capacidade mencionada só é possível ser alcançado por meio de mudanças de mentalidade e de atitudes, por isso a importância do ensino formal e da educação (dentro e fora da escola) que procure estimular, modificar e tornar os indivíduos conscientes. Desse modo, o Ecoletramento é de fundamental importância para uma melhor compreensão da Ecolexicografia, bem como a provável expansão desta disciplina no futuro também dependerá daquela. Na seção (4), serão apontadas algumas relações mais detalhadas entre as duas disciplinas.

Com o que foi exposto, a Ecolexicografia contribui também com o terceiro nível de objetivos da Ecolinguística, tanto por se relacionar com várias disciplinas, como a

Linguística de *Corpus*, a Linguística Computacional, a Pragmática, o Ecoletramento, entre outras, como por levantar uma série de questionamentos sobre a própria disciplina, o que faz com que por meio das pesquisas elaboradas, o ecolexicógrafo contribua com o desenvolvimento teórico e filosófico da área em que atua.

Para finalizar esta introdução, apresentamos a estrutura deste texto, que se encontra organizado da seguinte maneira: em (2), serão discutidos alguns conceitos básicos da Ecolinguística; em (3), será apresentada a Ecolexicografia e suas relações com Lexicografia Pedagógica; em (4), será efetuada uma análise dos atores da Lexicografia Pedagógica (lexicógrafos, professores e aprendizes); em (5), será conduzida uma análise de algumas produções (dicionários escolares), de acordo com a Ecolexicografia, para que sejam apontadas em ambas as seções as contribuições que esta disciplina pode oferecer tanto para os metalexicógrafos e lexicógrafos, quanto para os professores e aprendizes.

## 2. Estatuto científico da Ecolinguística

Essa disciplina traz uma visão ecológica, baseada nos sistemas complexos, representando uma virada nos estudos da linguagem. Capra vem mostrando que esta nova maneira de se olhar um objeto, insere-se no novo paradigma ecológico para as ciências (CAPRA *et al.*, 1998).

Sobre o status científico da Ecolinguística, algumas palavras são necessárias. Desde Haugen (1972) até a década de 1990, ela foi considerada por parte dos ecolinguistas como uma subárea da Linguística, relacionada à Linguística Aplicada, outros, ainda, colocaram-na como parte da Crioulística ou do Contato de Línguas. Atualmente, há um consenso entre os seus praticantes de que a Ecolinguística é uma ciência independente, sendo de caráter multidisciplinar (COUTO, 2013, 2015, 2016), por ser formada a partir de várias disciplinas, podendo fazer uso de diferentes suportes teórico-metodológicos (ALBUQUERQUE, 2015), ou até mesmo

transdisciplinar (FINKE, 2014, 2017), tratando-se de uma área *avant la lettre* de uma futura era acadêmica transdisciplinar (marcada pelo fim das disciplinas estanques), que está por vir (FINKE, 2017, p. 408).

Atualmente, há diferentes teorias ecolinguísticas que apresentam concepções ou enfocam partes distintas de seu objeto de estudo, igualmente possuem metodologias específicas, como: o modelo gravitacional (CALVET, 1999); o modelo evolucionário (MUFWENE, 2001, 2008); a gramática pragmo-ecológica (MAKKAI, 1993, 1996); a linguodiversidade e biodiversidade (MAFFI, 2001; MÜHLHÄUSLER, 2003); a linguística ecossistêmica (COUTO, 2013, 2015, 2016); a linguística dialética, ou ecolinguística dialética (BANG; DØØR, 2007).

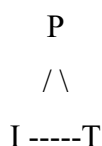
De acordo com Fill (2017, p. 5), a Ecolinguística é ensinada em cursos universitários ou apresenta grupos de estudos/pesquisa com eventos nos seguintes países: Alemanha, Áustria, Japão, Dinamarca, Itália, China e Brasil. Neste, é possível se destacar Brasília e Goiânia, que possuem cursos na pós-graduação, bem como dissertações e teses, em andamento e concluídas, sobre Ecolinguística, mas também há registros de dissertações de mestrado que versam sobre Ecolinguística em programas de pós-graduação de universidade de outros estados. Ademais, há o periódico *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem* (ECO-REBEL), criado em 2015; o *Encontro Brasileiro de Ecolinguística* (EBE), que ocorre regularmente desde 2012 e se encontra em seu quarto evento neste ano de 2018; *Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística* (EBIME), que também ocorre regularmente, mas foi criado em 2013 e ocorreu o terceiro no ano passado, em 2017, estando relacionado ao *Núcleo de Estudo de Ecolinguística e Imaginário* (NELIM), fundado em 2008 na Universidade Federal de Goiás (UFG) e na ativa.

Apresentamos aqui a vertente da Linguística Ecossistêmica que, além de possuir ligação com a Ecolexicografia, o Ecoletramento e a Ecocrítica, que serão



comentados mais adiante, é a teoria que está mais relacionada com a Ecologia Biológica, com os estudos do Ecossistema e as ciências complexas.

Figura 1 – Ecossistema Biológico.



Fonte: extraído de Couto (2015, p. 49).

A figura 1 acima representa um esquema do ecossistema biológico, da mesma maneira do ecossistema linguístico. Nela há uma população (P) de organismos ou de falantes; suas interações (I), que ocorrem por meio da língua; e o território (T) ou meio onde ocorrem tais interações ou uso da língua pelos falantes. A linha segmentada entre I e T representa as interações entre I e T são indiretas.

Digno de nota é que o ecossistema é o conceito fundamental da Ecologia, enquanto 'interação' é o do ecossistema. Da mesma maneira, para a Ecolinguística as interações comunicativas são um conceito-chave. As interações organismo-território, no âmbito da Linguística, equivalem à 'referência' e as interações organismo-organismo são a 'comunicação'.

A seguir serão elencados alguns elementos da Ecologia e do ecossistema que fazem parte da Ecolinguística, são eles: o holismo, as inter-relações, a adaptação, a evolução, a porosidade, a diversidade e a visão de longo prazo.

O 'holismo' consiste no fato de o investigador delimitar um ecossistema e encará-lo como um todo, estudando uma espécie, ou um espécime, e as inter-relações que esse espécime, ou espécie, mantém no interior de todo o ecossistema (COUTO, 2013).

As 'inter-relações' são definidas como a série de interações que ocorre dentro do ecossistema, sendo elas de três tipos principais: dos componentes bióticos entre si, entre os componentes bióticos e abióticos, e dos componentes abióticos entre si.

A 'adaptação' consiste basicamente nas modificações feitas para a sobrevivência das espécies em relação a mudanças no ecossistema, ora as espécies se adaptam ao meio ambiente se modificando, ora adaptam o meio ambiente modificando-o.

A 'evolução' está intimamente ligada ao conceito de 'adaptação'. Segundo a teoria linguística atual, a língua apresenta variação e mudança, no decorrer da história, caso não tivesse esse caráter dinâmico/evolutivo, seria um instrumento incapaz de saciar as necessidades do falante, já que rapidamente, ou seja, em uma geração ou duas, ela se tornaria obsoleta.

O conceito de 'porosidade' está ligado ao difícil processo de delimitar o objeto de estudo, já que no mundo real não há fronteiras claras e bem definidas, na realidade se encontram regiões e/ou situações mais centrais e prototípicas, que podem ser usadas para ilustrar adequadamente os fenômenos estudados, e regiões e/ou situações que se tornam confusas, menos evidentes, para o processo investigativo.

A 'diversidade' consiste no processo de estudar e valorizar a importância do grande número existente de espécies pelo mundo. O fato principal de se valorizar a 'diversidade' é que cada espécie possui seu respectivo papel dentro do ecossistema, ou até dentro da grande teia de relações do planeta, a hipótese de Gaia.

A 'visão de longo prazo' é análoga à sustentabilidade, consistindo no mínimo, ou nenhuma, de intervenção na natureza para a solução de problemas, já que esses supostos problemas, além de muitas vezes ser problemas somente sob o ponto de vista humano, seriam solucionados naturalmente, seguindo o ritmo da própria natureza.

Os principais pressupostos filosóficos da Ecolinguística e da Ecolexicografia são oriundos da visão ecológica de mundo, da Ecologia Profunda e da Ecologia Social.

A visão ecológica de mundo (doravante VEM) faz com que o praticante, ou qualquer simpatizante da Ecolinguística, encare o mundo de modo diferente, do ponto de vista ecológico, em contraposição com outras visões materialistas, utilitaristas, antropocêntricas, entre outras. O simpatizante da VEM procura usar uma linguagem que não induza a depredação da natureza, como já foi analisado em diversas publicações ecolinguísticas e é uma das proposições fundamentais da Ecolexicografia<sup>5</sup>. Este tipo de linguagem é chamado por Matos et al. (2014) de 'ecolinguagem', que não é propriamente uma linguagem ecologicamente correta, mas a linguagem que expressa a VEM.

A Ecologia Profunda (doravante EP) é também conhecida como ecofilosofia, ou ecosofia, e foi proposta pelo filósofo norueguês Arne Naess. Em Naess (1973), há uma espécie de manifesto do movimento, distinguindo a 'ecologia profunda', que vai à raiz dos problemas, sem subterfúgios e sem concessão à ganância econômica, da 'ecologia rasa', que defende o meio ambiente até onde essa defesa não contraria interesses econômicos. Posteriormente, Naess propôs o que chamou de 'Plataforma do Movimento da Ecologia Profunda'. Entre as ideias da EP que fazem parte da Ecolinguística e da Ecolexicografia são: a de defender a vida, qualquer tipo de vida, de todos os seres, de qualquer maneira; a EP deve ser não apenas descritiva, mas também prescritiva, com um sentido de 'recomendação' ou 'intervenção apenas em defesa da vida' (NAESS, 1989).

Algumas ideias da Ecologia Social de Murray Bookchin também fazem parte da Ecolinguística e da Ecolexicografia. Ela defende a ideia de que grande parte dos problemas ambientais e ecológicos é de base social, ou seja, criados por nossa

---

<sup>5</sup> Apenas para citar alguns trabalhos e pesquisas em andamento: Kahn (1992) estuda o vocabulário da ciência relativa à vida selvagem; Rawlet e Raglon (1992) analisa as propagandas e imagens ecológicas no decorrer do século XX; Gomes (2013) do léxico empregado em placas e anúncios populares; Lesting e Lesting (2013) realizam um estudo sobre o ambientalismo em revistas educacionais; Ramos vem elaborando análises sobre o a linguagem e o discurso da imprensa e dos políticos, tanto brasileiros, quanto portugueses (RAMOS, 2013, 2015, 2017).

sociedade (BOOKCHIN, 1993). Desta maneira, cabe à sociedade resolvê-los, se quiser continuar sobrevivendo. Outra ideia interessante de Bookchin é que a ‘cultura’ provém da ‘natureza’, ou seja, nosso conjunto de conhecimentos e técnicas mesmo que avançados tiveram origem ou tem ligações com a natureza e com o ecossistema em que vivemos.

### 3. A Ecolexicografia

O termo ‘ecolexicografia’, conforme já citado, foi proposto primeiramente por Sarmiento (2000). Da mesma maneira, o autor desenvolveu a proposta ecolexicográfica em publicações posteriores (SARMENTO, 2002, 2005), tal como forjou os termos das subáreas relacionadas, a saber ‘ecolexicologia’, ‘ecoterminologia’ e ‘ecoterminografia’ (SARMENTO, 2005 p. 92).

De acordo com o que já foi apresentado anteriormente, a Ecolexicografia pode ser encarada como uma ciência, dedicada à elaboração de obras ecolexicográficas; uma técnica, que se preocupa a análise de macroestruturas e microestruturas com o aporte ecolinguístico, ou seja, a Metaecolexicografia; e, uma área de reflexões que busca responder uma série de questões sobre os saberes e os fazeres ecolinguísticos e ecolexicográficos.

Antes de iniciar a análise e discussão deste artigo, faz-se necessário descrever a teoria, metodologia e as questões que permeiam a Ecolexicografia. Para tanto, serão detalhadas a seguir: as ideias iniciais de Sarmiento (2002); as seis proposições desenvolvidas pelo mesmo autor posteriormente (SARMENTO, 2005)<sup>6</sup>, juntamente com a proposta da microestrutura; nossas adaptações e modificações.

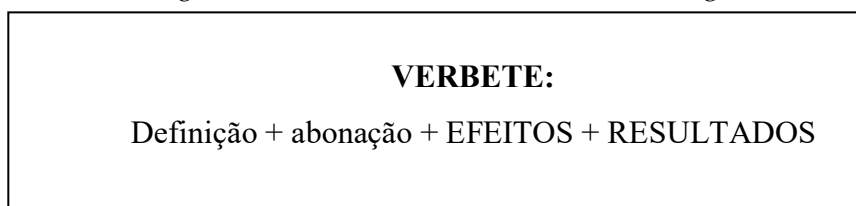
É importante frisar que a Ecolexicografia não trata da elaboração de dicionários de Ecologia ou de termos ecológicos, mas de um trabalho de reflexão e elaboração dos verbetes dos dicionários pensando nos efeitos e resultados que cada lexema traz aos

---

<sup>6</sup> Em Sarmiento (2005), o autor apresenta suas ideias e proposições em formatos de tópicos, com o texto mantendo uma estrutura, em sua maior parte, de comunicação oral. Como não se pretende fazer isso no presente texto, não serão separadas as seis proposições, sendo discutidas todas elas em uma sequência diferenciada, mas coesa e coerente tanto no escopo deste texto, como no do original.

indivíduos (espécie interagindo dentro do ecossistema) e para o planeta (o ecossistema), além de trazer definições e abonações que estejam mais em acordo com a VEM, mas tudo isso sem perder de vista o uso da língua, já que o dicionário é uma descrição e instrumentalização da língua (AROUX, 1992, p. 65), por isso a importância do emprego da 'ecolinguagem' na redação das definições. Desta maneira, também não se relaciona diretamente com a Terminologia e a Terminografia, ou seja, a Ecolexicografia está para a Ecoterminografia do mesmo modo que a Lexicografia está para a Terminografia.

Figura 2 – Microestrutura do verbete ecolexicográfico.



Fonte: adaptado de Sarmiento (2005, p. 91).

Vale lembrar que o radical *eco-* é delimitado, estando relacionado com a Ecologia Biológica e, conseqüentemente, com a lógica e os efeitos. Isso é importante ser apontado pelo fato desse radical não estar sendo empregado de maneira aleatória, ideológica ou politicamente correta, sendo que tal definição está em acordo com a própria estrutura do verbete da proposta ecolexicográfica, que foi mencionada acima (Fig. 2) e será explicada adiante. Assim, é possível apontar oposições formais (boas x más) e dialógicas, tais como efeitos nocivos, perniciosos etc., não focando apenas no lado bom ou utópico do elemento ecológico.

Ademais, a Ecolexicografia não descarta todos os avanços alcançados pela Lexicografia, ao contrário, ela visa contribuir com esta, principalmente na microestrutura, já que oferece subsídios para se repensar a estrutura dos verbetes, com novas ideias e elementos, da mesma maneira que aponta novos usos para o dicionário em sala de aula (ensino mais holístico e menos antropocêntrico; apresentar uma nova

maneira de pensar e agir, a VEM; Ecoletramento etc.) e fornece novas ferramentas para metalexícógrafos realizarem suas análises.

Finalmente, as últimas proposições da Ecolexicografia afirmam que ela, como uma disciplina que tem suas origens na Lexicografia e na Ecolinguística, mantém e expande as relações com as demais áreas que possuem algum interesse compartilhado com a Lexicografia, a saber: Linguística Computacional, Linguística de *Corpus* e Linguística Aplicada (DURAN; XATARA, 2007). Uma dessas interfaces importantes para a Ecolexicografia é com a Linguística de *Corpus*, já que entre as tantas contribuições que esta pode apresentar à Lexicografia Pedagógica (verificar a frequência de uma unidade lexical, seu comportamento combinatório, exemplos, registros etc.), é possível ainda acrescentar outras, principalmente na seleção das entradas em que se aplicam os conceitos ecológicos/ ecolexicográficos e daquelas em que não se aplicam (ex. *alistar, disco, fajuto* etc. nestas unidades lexicais não é possível aplicar a estrutura do verbete acima nem as ideias ecolexicográficas, enquanto em *animal, cria, inseminação, solo* etc. o verbete ecolexicográfico se aplica, pois é possível fazer uso tanto das contribuições da Lexicografia tradicional e pedagógica, como inserir os conceitos ecológicos); e na diferenciação entre *corpora* de língua falada ou de registros específicos, que podem trazer informações semânticas e de uso distintos, mas que não estão em consonância com a VEM e a EP, ou que o falante desconhece os efeitos e resultados para si, para o Outro e para o planeta (ex. *praga*. Este mesmo lexema é empregado na mídia como algo ruim e que deve ser eliminado; em um dicionário científico, como um eufemismo ou para esconder os fatos relacionados à destruição dos seres vivos e do meio ambiente; na fala espontânea é utilizado como um xingamento). Outra área de interface da Ecolexicografia é a Pragmática e, desta maneira, diferencia-se da Lexicografia, já que naquela a tarefa do ecolexicógrafo, além de “observar, descrever e explicar palavras e expressões vistas a partir do viés eco”, é de “tomar posição sobre os efeitos e resultados lógicos que elas desempenham. Ou

seja, estamos trabalhando não apenas com o significado de palavras e expressões, mas a questão dos seus usos (...)” (SARMENTO, 2005 p. 93).

Esta interface com a Pragmática leva às questões que a Ecolexicografia, como uma ciência, procura responder. Vale lembrar que o núcleo desse questionamento já foi apresentado na introdução deste artigo e gira em torno do papel que as palavras possuem para mudar a mentalidade do indivíduo, a própria língua, as relações entre os indivíduos e entre os indivíduos e o mundo.

Basicamente, além dos significados e usos, visa apontar os efeitos que uma palavra tem nas pessoas e no mundo, ou seja, como a língua afeta o ecossistema de acordo com o emprego e o dizer do falante. Isto já foi apontado anteriormente por Halliday (2001) como um tópico importante e presente na Ecolinguística, que seria a oposição ‘holismo x fragmentação’, o primeiro sendo elementos ecológicos e o segundo, não ecológicos do sistema linguístico. Assim, a principal questão da Ecolexicografia é:

Qual o papel das palavras no nosso Mundo, bem como: Como uma palavra pode criar, manter ou destruir um Mundo?<sup>7</sup> (SARMENTO, 2005, P. 94)

Daí, elencam-se várias indagações que devem ser investigadas e que a Ecolexicografia procura responder:

Como encontrar os elementos ecológicos e não ecológicos nas línguas?

A língua influencia a visão de mundo, ou vice-versa?

Como medir as influências da língua sobre a visão de mundo? E da visão de mundo sobre a língua?

Digno de nota é que a pesquisa em Ecolexicografia a respeito desses aspectos citados está apenas em estágio inicial. Por isso, Fill (2001), um grande ecolinguista da

---

<sup>7</sup> A palavra ‘mundo’, neste trabalho, é utilizada como sinônimo de ‘ecossistema’.

atualidade, enfatiza que a tarefa da Ecolinguística para o século XXI é exatamente investigar essas relações entre língua e meio ambiente, e língua e visão de mundo<sup>8</sup>.

Para se manter a discussão desses problemas somente no campo da Ecolexicografia, e não se expandir para a Ecolinguística, Sarmiento (2005) propõe questionamentos a respeito de ecopalavras e ecoexpressões, que seriam aquelas que trariam benefícios ao falante e ao ecossistema quando empregadas ou praticadas, em contrastes com palavras e expressões que seriam antiecológicas (trazem malefícios ou prejudicam) ou não ecológicas (as características ecológicas não se aplicam).

Como pode uma palavra ecológico uma língua ou ser um elemento ecológico nela?

Uma ecopalavra, ou várias delas, podem contribuir para o ecoletramento e mudança ou formação de uma nova visão de mundo, a VEM?

Quais funções uma ecopalavra possui no ecossistema? E qual poder ela tem de alterá-lo para melhor ou pior?

Outrossim, a Ecolexicografia procura levantar questões sobre o lugar e o papel do ecolexicógrafo e de seu trabalho, visando responder às seguintes perguntas:

---

8 Em pesquisas conduzidas por Chawla (1991), Goatly (1996), Fill (2001) e Halliday (2001 [1990]), é enumerada uma série de elementos não ecológicos, que levam à fragmentação, presentes no sistema linguístico: separação entre agente, paciente, experienciador e instrumento, que separa o ser humano da natureza; categorização de fenômenos em processos/ coisas; separação entre humanos, animais e plantas; a causalidade, que pressupõe controle e superioridade; o sistema pronominal; a marcação de posse; expressões temporais e marcação das categorias TMA. Essa fragmentação consiste no fato de ocorrer a separação em vários níveis distintos entre o homem e o meio ambiente, tanto na língua, como na visão de mundo, separações como: humano x animais, humano x seres inanimados, coisas úteis para o ser humano x coisas não úteis. Além disso, tais separações são consideradas antropocentrismo linguístico (FILL, 2001, p. 67) e devem ser analisadas com cuidado, tanto pelo fato de a língua ser uma construção humana (refletindo os limites e possibilidades de nossa cognição), quanto pelo sistema linguístico, sendo como uma memória dos estágios anteriores da língua (HALLIDAY, 2001 [1990]), apresenta certos elementos não ecológicos como possíveis frutos de uma adaptação já realizada, ou em andamento, da gramática a alguma modificação no meio ambiente, ou até a um novo meio ambiente.



Como se pode contribuir para promover as ecopalavras?

Como deve proceder o ecolexicógrafo diante de palavras anti- e não-ecológicas?

Qual deve ser o posicionamento do ecolexicógrafo em relação às palavras anti- e não-ecológicas (descritivo, normativo, reflexivo, analítico etc.)?

Sobre a estrutura do verbete ecolexicográfico, a contribuição deste campo à Lexicografia é nos 'efeitos' e 'resultados' na microestrutura. Para a definição em Ecolexicografia, recomenda-se uma definição mista que faça uso das informações da definição lexicográfica somadas às da definição enciclopédica<sup>9</sup>. Nas abonações, sugere-se ao ecolexicógrafo fazer uso de exemplos inventados quando este é falante da língua materna e de abonações retiradas de diferentes *corpora* para que possa haver uma comparação entre os diferentes usos e significados<sup>10</sup>. Sobre os 'efeitos', Sarmiento (2005) lista cinco principais e suas respectivas siglas para ser empregue no verbete, que são eles: criativo (EC), mantenedor (EM), fortalecedor (EF), enfraquecedor (EE) e destrutivo (ED). Assim, cabe ao ecolexicógrafo descrever os efeitos que o emprego daquela ideia ou a prática dela têm nos indivíduos e no mundo (Ex. *praga*, EE e ED, nome dado a seres vivos das famílias *insecta* ou *gramínea*. Os efeitos são enfraquecedores e destrutivos simplesmente pelo fato de apontar as várias espécies somente como más e predadoras, o que possibilita sua matança que, algumas vezes, causa desequilíbrio no ecossistema).

Já os 'resultados' cabe ao ecolexicógrafo pensar o lexema de diferentes maneiras e suas consequências: como é analisado mentalmente pelos falantes; quais seus usos; quais usos poderia ter; quais relações com outros lexemas, ideias e práticas. Assim, as

---

<sup>9</sup> Sobre os diferentes tipos de definição, entre eles a definição mista, que este trabalho emprega e sugere, ver Lehmann e Martin-Berthet (1998) e Pontes (2009).

<sup>10</sup> Para diferenciação entre tipos de exemplos e abonação que foi empregada neste trabalho, ver Humblé (2001), Welker (2004) e Svensen (2009).

ferramentas de que dispõe são as seguintes: a lógica formal e seu binário de opostos (ex. *biodiversidade x extinção; heterogeneidade x homogeneidade*); a dialética e o ternário de confluências (ex. *lixo > poluição, contaminação > reciclagem, compostagem, benefícios (ao meio ambiente); morte > malefícios, dor > natureza (morte natural), ciclos, alimento, vida*); gradiente e as escalas, continua e tipos; dialogismo.

Vale lembrar que alguns ecolinguistas vêm desenvolvendo pesquisas sobre o emprego do léxico e mudanças semânticas relativos à temática ecológica, especificamente na área da Análise do Discurso Ecológica, a publicação de Trampe (2001) é de interesse para este trabalho pelo fato de o autor ter analisado dicionários de termos técnicos. Trampe (2001, p. 238) observou em seus dados quatro tendências que os lexicógrafos costumam a empregar quando tratam de lexemas biológicos e ecológicos: reificação, tratamento de certos seres vivos como coisas (bens de produção ou consumo), ex. 'boi/vaca' é uma mercadoria, a inseminação ocorre no 'recipiente' e não na 'vaca'; emprego de eufemismo (e outros mecanismos linguísticos) para esconder certos fatos que podem ser encarados como violentos para o consumidor ou público em geral, ex. 'pesticida' é substituído por 'instrumento de proteção para a plantação'; 'remédios', 'vacinas' e 'químicas' administradas aos animais são referidos como 'coquetéis'; difamação da agricultura tradicional/ de subsistência, que geralmente recebem rótulos de ser 'improdutiva', 'dispendiosa' etc.; emprego de slogans e elementos fraseológicos para convencer a população que a destruição do ecossistema é algo natural/ inevitável ou até mesmo para disfarçar tal destruição, afirmando-a como algo bom, ex. 'bom para natureza, bom para todos', 'criar mais riqueza para todos'. Essas quatro tendências também servem como um subsídio metodológico para a análise de dicionários e da linguagem empregada pelos lexicógrafos, pois caso estes a mantenham acabam por corroborar e reafirmar a linguagem antiecológica da visão econômica de mundo que é fragmentada, afastando cada vez mais o ser humano das demais espécies e da natureza.

Nas seções seguintes, serão retomadas as proposições da Ecolexicografia, mas, desta vez, aplicando-as aos atores envolvidos no trabalho (eco)lexicográfico, em (4), e na análise de alguns verbetes de dicionários escolares, em (5), para que sejam ilustradas as contribuições que a disciplina pode trazer aos estudos lexicográficos, especialmente à Lexicografia Pedagógica.

#### **4. Os atores: lexicógrafos, professores e aprendizes**

Como na Ecolexicografia os efeitos e os resultados dos lexemas, sejam no nível semântico, seja no mundo concreto, são levados em consideração tanto do ponto de vista do indivíduo, como para o ecossistema, faz-se necessário apresentar esta disciplina de acordo com as pessoas envolvidas nela, os chamados 'atores', que são os lexicógrafos, os professores e os aprendizes (DURAN; XATARA, 2007, p. 205).

Sobre o trabalho do lexicógrafo, é preciso inicialmente defini-lo, delimitá-lo e diferenciá-lo das demais tarefas similares. Assim, temos o lexicógrafo, indivíduo que produz a obra lexicográfica, que se diferencia do metalexicógrafo, indivíduo que analisa e pesquisa a respeito da obra lexicográfica (RUNDELL, 2001). Ainda, há o ensino e a formação de lexicógrafos voltados para a elaboração de obras lexicográficas propriamente ditas, enquanto há o ensino e formação de lexicógrafos para outras funções (BÉJOINT, 2000). O perfil do ecolexicógrafo exige as mesmas formação e competências que o lexicógrafo precisa, porém devem ser somadas a elas um conhecimento de Ecolinguística e suas disciplinas afins, igualmente de Ecoletramento e Educação Ambiental para que possa cumprir tanto as funções de ecolexicógrafo para elaborar obras ecolexicográficas, como para formar novos ecolexicógrafos e também produzir análises e pesquisas em Metaecolexicografia.

Diante da crise científica e no ensino das últimas décadas, o professor não possui uma boa formação teórico-metodológica o que faz com que surja uma série de problemas no ensino de línguas e no manuseio de dicionários: recomendação errada

(ou não recomendação) de dicionário que esteja de acordo com sua abordagem e métodos utilizados em aula; falta de orientação ao aluno para ensiná-lo a consultar o dicionário; ausência de planejamento no ensino em que sejam contemplados tanto ensino do manuseio do dicionário, como de atividades que façam uso dele (SALVADOR, 1985); presença de crenças que prejudicam o ensino, o trabalho do professor e a aprendizagem do aluno (NESI, 1999; PONTES, 2009; PONTES; SANTIAGO, 2009). Há também relatos e pesquisas com alunos que se encontram desiludidos quando o assunto é o dicionário, já que eles não foram instruídos sobre como utilizá-los pelo professor (WELKER, 2006, p. 176). Aqui o trabalho inicial seria também do ecolexicógrafo que tem como um dos objetivos ensinar a disciplina para capacitar e formar professores, e não apenas teorizar (a Metaecolexicografia) ou se limitar à prática (a obra ecolexicográfica). Assim, esse profissional elaboraria cursos de capacitação de professores, tais como materiais didáticos, propostas de atividades e projetos para escolas. Nas áreas de Ecoletramento (ORR, 1992) e Educação Ambiental tais iniciativas já existem e continuam em prática, o problema aqui é exatamente pelo fato de os professores desconhecerem as disciplinas da Ecolinguística, da Ecolexicografia e até mesmo da Lexicografia para realizar um trabalho e um ensino em conjunto entre essas disciplinas. Isso formaria professores mais conscientes no emprego e na análise de dicionários em sala de aula, tal como em concordância com a VEM ao saber refletir sobre o significado das palavras, seus diferentes usos e quais efeitos e resultados as diferentes definições e usos de um lexema podem ter no indivíduo e no mundo.

Em relação ao aluno, várias pesquisas na Lexicografia Pedagógica vêm sendo feitas, pois, basicamente, o aprendiz recorre ao dicionário de acordo com a necessidade que ele possui enquanto está aprendendo a língua, assim reconhecer quais são as necessidades do aprendiz é de fundamental importância e é neste tema que as pesquisas atuais enfocam. Deve-se destacar que a escolha do dicionário por parte do

aluno é muito influenciada pelo professor, por outros colegas, por elementos da macroestrutura ou fatores extralexigráficos/extralinguísticos, como preço e a reputação da editora (HARTMANN, 1999).

Como até o momento não há obras de orientação ecolexigráfica, o papel do aluno na Ecolexicografia ainda é pequeno, pois não se desenvolveram pesquisas sobre os aprendizes nesse cenário. Porém, de nossa parte, o que pode ser sugerido é que nas disciplinas relacionadas à Lexicologia, Lexicografia ou qualquer outra que aborde a elaboração, a análise e o uso de dicionários, nos cursos de Letras e na área de Educação, seja apresentada a Ecolexicografia como uma técnica que auxilia o professor e os alunos na análise dos dicionários, bem como pode vir a instigar um (ou mais) futuro professor-pesquisador que atue na elaboração de um dicionário à luz da Ecolexicografia e também torne seu aluno ecologicamente sensível em relação ao emprego e ao significado das palavras, estando esta última sugestão relacionada ao ecoletramento.

Já, sobre o Ecoletramento, e o que se pode aproveitar os avanços das pesquisas desta área, um enfoque interessante é na literatura infantil e juvenil, pois por meio destas é possível mediar as relações entre o aprendiz e o ecossistema através da imaginação. Segundo Ramos e Ramos (2013, p. 24), “tal mediação é particularmente relevante, seja para dar sentido à realidade efetivamente vivida ou testemunhada, seja para tornar próxima e palpável uma realidade afastada da percepção individual concreta”. Assim, ao entrar em contato com essas leituras, os aprendizes são ensinados a ser “indivíduos mais conscientes, informados e formados, portanto cidadãos mais plena e conscientemente integrados na práxis social, no seu meio imediato e na *nossa casa comum* (grifo do original)” (RAMOS; RAMOS, 2013, p. 24). Os saberes que o professor e a literatura ensinam ao aprendiz ecoletrado são “um conjunto de conhecimentos, nomeadamente o reconhecimento da complexidade do mundo e da intrínseca interligação entre cada gesto de cada indivíduo na rede de relações” e “um

sentido de responsabilidade individual por cada tomada de posição, o reconhecimento do papel de cada ser humano na interação com os outros, humanos ou não, com todos quantos partilham o ambiente próximo ou global” (RAMOS; RAMOS, 2013, p. 18). Com isso, observa-se o quanto os estudos do Ecoletramento têm a oferecer à Ecolexicografia, igualmente apresentam uma série de concepções em comum.

Além do que, diante das limitações do cenário brasileiro atual, sabemos que a formação de ecolexicógrafo e de obras ecolexicográficas requereriam tempo, verbas e mão de obra especializada que tornariam praticamente inviáveis tais projetos. Por isso, nossa proposta é que o trabalho em Ecolexicografia se inicie devagar e em dimensões reduzidas, por meio de análises de verbetes e dicionários escolares; divulgação e conscientização de professores e alunos sobre a importância da Ecolinguística, Ecoletramento, Educação Ambiental e suas respectivas relações com a elaboração da obra ecolexicográfica; produção de materiais didáticos de cunho ecolexicográfico; cursos de formação de professores sobre Ecolexicografia.

## 5. As produções: análise de dicionários

Nesta seção, serão analisadas três obras lexicográficas, especificamente dicionários escolares, à luz da Ecolexicografia, a saber: *Mini Aurélio* (FERREIRA, 2010), *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa* (SACCONI, 2001) e *Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa* (ROSA, 1998).

Esta parte do artigo serve para ilustrar brevemente a aplicação da técnica ecolexicográfica na análise de verbetes de dicionários escolares (a Metaecolexicografia), verificando quais deles apresentam visões ecológicas, não ecológicas e antiecológicas em suas definições; quais os efeitos e resultados de tais visões; como poderia ser elaborada uma melhor definição; como se poderia modificar a estrutura do verbete, com o objetivo de se inserir informações mais didáticas e

ecológicas. A análise conduzida aqui, procurando observar as características e estrutura do verbete mencionadas, segue as contribuições da Ecolexicografia.

As publicações não foram selecionadas aleatoriamente, mas procurou-se seguir os critérios: reputação do dicionário/ editora, por isso a escolha do Mini Aurélio; relevância para as necessidades, com a divisão entre avançado (*Dicionário Essencial da Língua Portuguesa*), avançado-intermediário (*Mini Aurélio*) e iniciante (*Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa*)<sup>11</sup>; número de entradas lexicais. Esses critérios tratam-se de uma adaptação daqueles elencados por Hartmann (1999).

Ademais, por limitações de espaço foram escolhidos apenas três lexemas, reproduzidos abaixo, afim de se observar como estão organizadas a microestrutura de cada obra, os verbetes específicos para cada um dos três lexemas, e como se configuram nos três dicionários.

Os lexemas escolhidos são ‘animal’, ‘solo’ e ‘veneno’ pelos seguintes fatos: são palavras relacionadas ao meio ambiente e à ecologia; usualmente apresentam definições antropocêntricas e não ecológicas.

Além de realizar aqui um trabalho metalexigráfico e metaecolexicográfico, ao analisar os verbetes dos dicionários, será feita uma proposta ecolexicográfica para um melhor verbete, tendo em vista as contribuições da Ecolexicografia.

Sobre a metodologia da Ecolexicografia, do mesmo modo que a metodologia empregada neste trabalho, segue a proposta multimetodológica da Ecolinguística<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Doravante serão utilizadas as siglas DE-LP para Dicionário Essencial da Língua Portuguesa, MA para Mini Aurélio e MDC-LP para Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa.

<sup>12</sup> A multimetodologia se caracteriza pelo emprego de diferentes métodos das mais variadas ciências para se analisar o mesmo objeto de estudo, ou seja, na abordagem multimetodológica há uma reflexão a respeito da escolha dos métodos a serem utilizados para se investigar o objeto de estudo, pois eles não podem ser aleatórios, devendo existir uma relação, principalmente de complementação, entre os métodos utilizados. Isso requer que o investigador elabore um planejamento de quais métodos serão empregados, sendo recomendado que se realize uma listagem, seguida por uma hierarquização e/ou classificação dos métodos. Isso faz com que os resultados alcançados sejam mais profícuos do que uma investigação que empregou apenas um único método. Assim, por meio dos diferentes métodos, o

Desta maneira, empregou-se a teoria e metodologia da Lexicografia Pedagógica para análise de verbetes, conforme discutida a organização da microestrutura em Welker (2004, 2008) e Pontes (2009), a proposta da Ecolexicografia, apresentada anteriormente, na seção (3), e o suporte teórico-metodológico da Ecolinguística, apontado na seção (2). Assim, serão observados e descritos principalmente: qual é o tipo de definição; a linguagem utilizada na redação da definição; se há elementos ecológicos, antropocêntricos, holísticos ou fragmentadores; se são levados em considerações os efeitos e os resultados que as ideias e/ou práticas do lexema podem ter nos indivíduos e no mundo.

A análise se inicia pelos verbetes para o lexema 'animal'<sup>13</sup>:

ANIMAL:

**a.ni.mal** [lat. *animale*] *sm.* 1. *Biol.* Espécime dos animais, reino que reúne os seres vivos pluricelulares, heterotróficos, e que, ger., se locomovem. 2. Animal irracional. 3. *Fig.* Pessoa ignorante, ou cruel, ou estúpida. 4. *Bras.* Cavalo, sobretudo o macho.

**a.ni.mal** *s.m. (o)* 1. Ser vivo, geralmente capaz de se mover, que se alimenta de substâncias orgânicas. 2. Ser animado, desprovido de linguagem (em oposição a *homem*). 3. *Fig.* Pessoa estúpida, grosseira, bruta: *minha vizinha é um animal.* // *Adj.* 4. Relativo à vida animal: *reino animal.* 5. Próprio ao animal ou aos animais (por oposição ao *homem*).

**animal** *sm.* Ser organizado que sente e que se move; *adj.* Material; carnal.

O verbete do MA, que se trata do primeiro apresentado, oferece a primeira acepção (1. *Biol.* Espécime dos animais, reino que reúne os seres vivos pluricelulares, heterotróficos, e que, ger., se locomovem) de acordo com a VEM, ou seja, uma definição que está em consonância com uma visão ecológica de mundo, porém o que

---

pesquisador alcançará o mesmo objeto e as mesmas conclusões, usando somente caminhos distintos. Sobre a multimetodologia em Ecolinguística, ver Albuquerque (2015).

<sup>13</sup> Nos três exemplos, os verbetes citados dos dicionários seguem a seguinte ordem: primeiro, *Mini Aurélio* (FERREIRA, 2010); segundo, *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa* (SACCONI, 2001); terceiro, *Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa* (ROSA, 1998).



se destaca é a marca lexicográfica como pertencente à 'biologia'. Com isso é possível perceber um antropocentrismo e uma visão científica mais tradicional, ao considerar o lexema, somente pelo fato de estar relacionado à natureza, ao não humano, como sendo parte da biologia e desconsiderando as abordagens científicas mais recentes, que trabalham com as redes, os sistemas complexos e interdisciplinaridade. De maneira distinta, o DE-LP oferece uma definição semelhante, mas sem a marca lexicográfica.

É notável a presença do antropocentrismo, de uma visão fragmentada de mundo e antiecológica nas demais acepções que associam 'animal' a algo grosseiro, rudimentar ou ignorante, tanto por si só, nas acepções 3 de MA e DE-LP, como na comparação/ oposição ao ser humano, na acepção 2 do DE-LP. Além disto, percebe-se a linguagem machista, e não a ecolinguagem, já que nas acepções 2 e 5 do DE-LP, a oposição ocorre não entre 'ser humano x animal', mas entre 'homem x animal'. Ainda, na acepção 2 do DE-LP, há uma afirmação errônea a qual atesta que animais não possuem linguagem, diferentemente do que afirmam as pesquisas nas áreas da biologia e ecologia a respeito da linguagem de diversas espécies biológicas pertencentes a ordens ou famílias distintas, como primatas, pássaros, abelhas etc. Os pontos positivos observados foram a presença da ecolinguagem e do holismo nas acepções que descreveram o lexema, como a 1 do DE-LP, e que levaram em consideração as coisas que são próprias dos animais, ou do seu reino, como na acepção 4 do DE-LP.

Recomenda-se para este verbete acepções como: descrição do que seria um ser vivo em geral e do animal; suas diferentes espécies e demais taxonomias; a inclusão do ser humano como animal; a apresentação não somente das características que separam os seres humanos dos demais animais, mas também daquelas que são em comum. Os efeitos e resultados seriam uma conscientização dos aprendizes do ser humano somente como mais uma espécie inserida e interagindo dentro do ecossistema, e sugestões de possíveis mudanças de pensamento e atitudes por meio

das palavras. Em relação ao uso pejorativo de 'animal', que, além das acepções já comentadas acima, é falado até mesmo como xingamento, não deve ser descartado das acepções, mas incluso, enfatizando, todavia, os efeitos enfraquecedores e destrutivos, tais como os resultados antiecológicos de tais empregos, já que um dicionário (e um ecodicionário) é um reflexo da sociedade, e não uma idealização dela (já que o dicionário (e um ecodicionário) é um reflexo da sociedade, e não uma idealização dela (EZQUERRA, 1993, p. 191).

**SOLO:**

**so.lo**<sup>1</sup> [lat. *solu*] *sm.* 1. Porção sólida da superfície terrestre, onde se anda, se constrói, etc.; terra, chão. 2. Terreno, quanto a suas qualidades geológicas e produtivas.

**so.lo** *s.m. (o)* 1. Fina camada de superfície terrestre, constituída de rochas e partículas minerais, misturada com matéria orgânica, na qual se desenvolvem as plantas. 2. Tipo particular de terra ou chão: *solo arenoso*. 3. Chão, terra: *solo pátrio*. 4. País: *o meu solo é o maior da América do Sul*. 5. Trecho musical cantado ou executado por uma só pessoa, com ou sem acompanhamento. 6. Parte do balé dançada por um único artista. 7. A primeira viagem que o aluno de pilotagem faz sozinho, sem o auxílio do instrutor. // *adj.* 8. Feito por um só indivíduo. 9. *Música*. Diz-se da voz ou do instrumento que executa um trecho que lhe é particularmente destinado: *violão solo*.

**solo** *sm.* Terreno; chão; trecho musical para ser executado por uma só pessoa.

O primeiro verbete de 'solo', que pertence ao MA, apresenta uma visão econômica e materialista de mundo, definindo e pensando o lexema somente nas funções e benefícios que este pode trazer ao ser humano (andar, construir, qualidades produtivas). O único aspecto positivo é o de separar a homonímia na macroestrutura, diferenciando as acepções relativas à música em um segundo verbete.

De maneira distinta, DE-LP e MDC-LP optam pela polissemia, o que pode causar certa confusão no aprendiz, principalmente no verbete DE-LP que é maior e com várias acepções. Um aspecto positivo do DE-LP é que sua primeira acepção está

totalmente em acordo com a proposta ecolexicográfica, apresentando uma definição em sintonia com a VEM, descrevendo o lexema, somando informações ecológicas, enfatizando a importância para as plantas (e não para os seres humanos). Já os pontos negativos são a presença do antropocentrismo e da fragmentação nas acepções 2 e 4, ao especificar demais o lexema e de um ponto de vista somente do ser humano. Aqui, novamente, não seria correto retirar do verbete ecolexicográfico, mas salientar os efeitos e resultados maléficis em tal emprego do lexema, bem como no emprego desse referente que o lexema designa. Ainda, conforme se afirmou anteriormente, pode ser aproveitado parte do verbete do DE-LP para o trabalho do ecolexicógrafo na definição de 'solo', apontando os efeitos e resultados benéficos e ecológicos desta definição, porém esta deveria ser completada com a importância do 'solo' para toda a vida em nosso planeta, da convivência e da sobrevivência de todas as espécies, do mesmo modo de todas as interações que ocorrem entre as espécies com o solo. Esta definição estendida traria efeitos e resultados em consonância com a VEM.

**VENENO:**

**ve.ne.no** [lat. *venenu*] *sm.* 1. Substância que altera ou destrói as funções vitais. 2. *Fig.* Aquilo que corrompe moralmente. 3. *Fig.* Malignidade, maldade.

**ve.ne.no** *s.m. (o)* 1. Toda substância mineral ou orgânica que, ingerida no organismo ou aplicada ao seu exterior, sendo absorvida, determina a morte ou altera profundamente a saúde; tóxico. 2. *Fig.* Todo ou qualquer elemento de infecção ou corrupção moral: *o veneno de certos regimes políticos*. 3. *Fig.* Maldade: *o veneno da inveja*. *Fig.* Malícia: *piada com veneno*. 5. *Gír.* Trabalho artesanal feito no motor de um automóvel, para melhorar-lhe o rendimento. // *s. sc. (o)*. 6. *Fig.* Pessoa de maus princípios, de mau caráter: *essa minha vizinha é um veneno*.

**veneno** *sm.* Peçonha; tóxico; vírus; interpretação maliciosa.

A primeira acepção tanto de MA, quanto de DE-LP são ecológicas por apresentarem um efeito (MA) e uma descrição (DE-LP) holísticas, não apenas do ponto de vista do ser humano. A definição por sinonímia do MDC-LP é incompleta e

antiecológica ao associar o veneno como uma coisa maléfica e à peçonha, substância produzida apenas por animais, com isso possui efeitos destruidores ao ecossistema tal emprego deste lexema.

Outro ponto positivo, são as acepções 2 de MA e DE-LP em que há uma extensão da definição do plano material (as funções vitais do organismo de qualquer espécie) para um plano abstrato, o moral, em que é encarado que uma coisa maléfica ao corpo, por sua vez, é pernicioso também à mente, ao comportamento, à vida e, assim, à moral. Os resultados de tal emprego para o verbete ecolexicográfico é o ternário de confluências, do tipo dialético, já que aplicar à definição à corrupção moral é uma visão antropocêntrica (antítese), mas que visa a preservação da vida humana (tese), isso faz com que tal definição pode ter a intenção de preservar não apenas a vida humana, mas toda a vida do ecossistema (síntese). Ademais, esta acepção pode ser bem trabalhada para a Ecolexicografia, já que é um bom exemplo da interface Ecolexicografia-Pragmática, em que o uso da língua pode ser usado de maneira nociva, ou seja, 'venenosa', sendo pernicioso ora ao falante, ora aos ouvintes que estão interagindo, ora ao ecossistema, cabendo ao professor, com os subsídios da Ecolexicografia e do Ecoletramento, ensinar ao aprendiz por meio das palavras como a língua pode mudar o comportamento, a visão de mundo e até o mundo.

Finalmente, outro ponto positivo do DE-LP é a acepção 5, que apresenta a marca lexicográfica de 'gíria' para se referir à alteração feita em motores de carro, visando melhor desempenho. Aqui, é possível apontar os efeitos e resultados negativos e antiecológicos: o excesso de tecnologia da nossa sociedade; a obsessão do alto desempenho em qualquer atividade; a falta da visão de longo prazo, ao não esperar o tempo que a natureza possui e tentar alterá-lo; as consequências da alteração/ mutação do ecossistema; a predominância da visão econômica sobre a VEM, pensando somente na produção rápida. Vale lembrar que esta acepção é usada em outras situações, além dos carros, como, por exemplo, em gírias no contexto da musculação e fisiculturismo,

pois 'veneno' é utilizado para se referir a substâncias que alteram o desempenho e/ou corpo do atleta. Os resultados disso, diante da VEM, também pode ser analisado como dialógico, pois o 'veneno' é encarado por aqueles que o tomam como benéfico (tese) para a atividade praticada, para os fins que foram alcançados e esteticamente (o padrão de beleza atingido); mesmo que as substâncias danifiquem o organismo (antítese); o indivíduo considera que o resultado compensa ou que há a possibilidade de administrar as doses para diminuir os danos (síntese).

## 6. Considerações finais

O presente artigo procurou apresentar a Ecolexicografia como uma nova área de estudos e reflexões em Lexicografia e verificar o que ela poderia oferecer à Lexicografia Pedagógica, principalmente na análise de dicionários e da microestrutura (Metalexicografia), na formação de professores com uma visão de mundo diferente (a VEM) e na Educação Ambiental para os alunos.

Deve-se levar em conta que a contribuição das reflexões da Ecolexicografia para a Lexicografia Pedagógica é, inicialmente, na Metaecolexicografia, que se trata da análise e observação de dicionário escolares de acordo com a nova mentalidade mencionada, procurando desenvolver uma nova capacidade e sensibilidade, tanto em alunos, como em professores. Isto se dará somente com a difusão da Ecolexicografia como disciplina ou ao menos como conteúdo em cursos de Letras e da área de Educação, relacionando-a também com o Ecoletramento.

Neste artigo, fez-se necessário expor as bases da abordagem Ecolinguística e da Ecolexicografia, áreas ainda recentes e em desenvolvimento que necessitam de mais pesquisadores, pesquisas e projetos. Posteriormente, discutiu-se as contribuições que a Ecolexicografia traz para os indivíduos envolvidos na Lexicografia Pedagógica (lexicógrafos, professores, aprendizes). Para os lexicógrafos, a Ecolexicografia oferece um conjunto de subsídios teórico-metodológicos tanto para a pesquisa em dicionários,

quanto para a elaboração da obra lexicográfica, especialmente na proposta de uma microestrutura diferenciada. Para os professores, a Ecolexicografia procura oferecer uma formação em que os profissionais da Educação sejam sensíveis à língua e ao ecossistema, estando conscientes do poder que aquela possui de alterar este, pois para a maioria dos indivíduos isso passa despercebido (sobre como a língua tem poder de mudar as pessoas e o mundo). Isso faz com que o professor perceba esse poder da língua e de seus diferentes usos, analise seu material e ensine os aprendizes a VEM e a ecolinguagem. Até o momento, o papel e as contribuições que os aprendizes recebem são reduzidas, pois não se dispõe de obras ecolexicográficas, nem a pesquisa em Ecolexicografia se encontra avançada, assim para o aluno/ aprendiz cabe aprender a língua consciente de que seus diferentes usos, bem como o emprego dos lexemas e seus significados distintos, refletem tanto diferentes visões de mundo, como também a sociedade em que vive e seu ecossistema. Além disso, o aprendiz deve saber que ao modificar seu uso da língua modificará, da mesma maneira, todos esses elementos relacionados a ela: a visão de mundo, o ecossistema, a sociedade, cabendo a ele decidir quais elementos ele deseja alterar e quais ele deseja manter.

Para finalizar este texto, enfatiza-se que a Ecolinguística e a Ecolexicografia têm muito a oferecer à Lexicografia Pedagógica e a várias outras áreas da Linguística, principalmente à Linguística Aplicada. Ademais, procurou-se deixar evidente que essas novas disciplinas estão em consonância com o paradigma atual das ciências, que acabam por fazer uso dos sistemas complexos, da Teoria do Caos, da Teoria de Redes, entre outros. Mostra-se assim postura inter- e multidisciplinar. Desta maneira, fica aqui um convite para que nossos colegas pesquisadores do Brasil possam ter sido encorajados pela Ecolinguística e Ecolexicografia.

### **Referências bibliográficas**

AGASSI, J. **Science and Society**. Studies in the Sociology of Science. Berlim: Springer, 1981.

ALBUQUERQUE, D. B. Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística. **Via Litterae**, v. 7, n. 1, p. 131-142, jan./jun. 2015.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: EdUnicamp, 1992.

BANG, J. C.; DØØR, J. **Language, Ecology and Society**. A Dialectical Approach. Londres: Continuum, 2007.

BÉJOINT, H. **Modern Lexicography**: an introduction. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BOOKCHIN, M. What is social ecology? In: ZIMMERMAN, M. E. (org.). **Environmental philosophy**: From animal rights to radical ecology. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

CALVET, L-J. **Pour une écologie des langues du monde**. Paris: Plon, 1999.

CAPRA, F. *et al.* **Pertencendo ao universo**: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 1991.

CHAWLA, S. Linguistic and philosophical roots of our environmental crisis. **Environmental Ethics**, v. 13, n. 3, p. 253-273, 1991. DOI: <https://doi.org/10.5840/enviroethics199113312>

COUTO, H. H. **Ecolinguística**. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, H. H. O que vem a ser ecolinguística, afinal? **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.

COUTO, H. H. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. **Language Sciences**, v. 41, p. 122-128, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.001>

COUTO, H. H. Linguística ecossistêmica. **ECO-REBEL** – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.

COUTO, H. H. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. *et al.* (org.) **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora da UFG, 2016.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. **DELTA**, v. 27, n. 2, p. 203-222, 2007. DOI : <https://doi.org/10.1590/S0102-44502007000200002>

EZQUERRA, M. A. **Lexicografia Descritiva**. Barcelona: Bibliograf, 1993.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**. O dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FILL, A. Language and ecology: ecolinguistic perspectives for 2000 and beyond. *In*: Graddol, D. (ed.). **AILA Review 14**. Applied linguistics for the 21<sup>st</sup> century. Londres: Catchline, 2001, p. 60-75.

FILL, A. Introduction. *In*: FILL, A.; PENZ; H. (ed.). **The Routledge Handbook of Ecolinguistics**. Londres: Routledge, 2017. p. 1-7. DOI: <https://doi.org/10.5406/illinois/9780252036347.003.0013>

FILL, A.; PENZ; H. Ecolinguistics in the 21st Century. New Orientations and Future Directions. *In*: FILL, A.; PENZ; H. (ed.). **The Routledge Handbook of Ecolinguistics**. Londres: Routledge, 2017. p. 437-443.

FINKE, E. The Ecology of Science and its Consequences for the Ecology of Language. **Language Sciences**, v.41, p. 71-82, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.008>

FINKE, E. Transdisciplinary Linguistics. Ecolinguistics as a Pacemaker into a New Scientific Age *In*: FILL, A.; PENZ; H. (ed.). **The Routledge Handbook of Ecolinguistics**. Londres: Routledge, 2017. p. 406-419. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315687391-28>

GOATLY, A. Green grammar and grammatical metaphor, or Language and the myth of power, or Metaphors we die by. **Journal of Pragmatics**, v. 25, p. 537-560, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00057-7](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00057-7)

GOMES, A. M. A ecologia linguística nas placas e anúncios populares. **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 130-148, 2013.

HALLIDAY, M. A. K. New Ways of Meaning: the Challenge to Applied Linguistics. *In*: FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). **The Ecolinguistics Reader**. Language, ecology, and environment. Londres: Continuum, 2001 [1990], p.175-202.



HARTMANN, R. R. K. Case Study: The Exeter University survey of dictionary use. *In*: HARTMANN, R. R. K. (ed): **Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries. Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999**, p. 36-52.

HAUGEN, E. **The Ecology of language**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HEWLETT, M.; RAGLON, R. Constructing the Environmental Spectacle: Green Advertisements and the Greening of the Corporate Image, 1910-1990. **Environmental History Review**, v. 16, n. 4, p. 53-68, 1992.

HUMBLÉ, P. **Dictionaries and Language Learners**. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2001.

KAHN, M. The Passive Voice of Science: Language Abuse in the Wildlife Profession. **Trumpeter**, v. 9, n. 4, p. 152-154, 1992.

KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: CUP, 1962.

LEHMANN, A.; MARTIN-BERTHET, F. **Introduction à la lexicologie: sémantique et morphologie**. Paris: DUNOD, 1998.

LESTINGE, S.; LESTINGE, R. Os sentidos dos conceitos chave do Ambientalismo na revista “nova escola”. **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 41-64, 2013.

MAFFI, L. (ed.). **On Biocultural Diversity**. Linking Language, Knowledge, and the Environment. Washington/ Londres: Smithsonian Institution Press, 2001.

MAKKAI, A. **Ecolinguistics**. ¿Toward a New **\*\*Paradigm\*\*** for the Science of Language? Londres: Pinter Publishers Ltd., 1993.

MAKKAI, A. Die Welt als Bewußtsein und Paraphrase: zur gesamtökologischen Fundierung des menschlichen Sprachverständnisses mit besonderer Rücksicht auf die Sprachphilosophie Wilhelm von Humboldts und ihre Relevanz für die theoretische Sprachwissenschaft des 21. Jahrhunderts. *In*: FILL, A. (org.) **Sprachökologie und Ökolinquistik**. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996, p. 77-102.

MATOS, F. G. *et al.* Ecolinguagem. *In*: COUTO, E. K. N.; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. (org.). **Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora**. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 215-224

MEY, J. L. Sequencialidade. Para uma ecologia do texto. **ECO-REBEL** – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 2, n. 2, p. 4-14, 2016.

MUFWENE, S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612862>

MUFWENE, S. **Language Evolution**. Contact, Competition and Change. Londres: Continuum, 2008.

MÜHLHÄUSLER, P. **Language of environment, environment of language**: a course in Ecolinguistics. Londres: Battlebridge, 2003.

NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary. **Inquiry**, v. 16, p. 16-100, 1973. DOI: <https://doi.org/10.1080/00201747308601682>

NAESS, A. **Ecology, community and lifestyle**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511525599>

NESI, H. The Specification of Dictionary Reference Skills in Higher Education. HARTMANN, R. R. K. (ed): **Thematic Network Projects, Sub-project 9** – Dictionaries. Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999, p.53-67.

ODUM, E. P. **Fundamentals of ecology**. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1971.

ORR, D. **Ecological Literacy**: Education and the Transition to a Postmodern World. Albany: State University of New York Press, 1992.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar**. O que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, A. L.; SANTIAGO, M. S. Crenças de professores sobre o papel do dicionário no ensino de língua portuguesa. *In*: COSTA DOS SANTOS, F. J. (org.) **Letras plurais**: crenças e metodologias no ensino de línguas. Rio de Janeiro: CBJE, 2009, p. 105-123.

RAMOS, R. O rei de Espanha foi caçar elefantes: A construção discursiva do evento nos media portugueses. **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 17-40, 2013.

RAMOS, R. O ambiente como argumento final na imprensa brasileira. **ECO-REBEL** – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 1, n. 1, p. 95-106, 2015.

RAMOS, R. O interdiscurso ambiental no discurso político contemporâneo em Portugal. **ECO-REBEL** – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 3, n. 2, p. 69-84, 2017.

RAMOS, A. M.; RAMOS, R. Ecoliteracia e literatura para infância.: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros. **Solta Palavra**, v. 19, p. 17-24, abr. 2013.

ROSA, U. (coord.) **Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Rideel, 1998.

RUNDELL, M. Recent trends in publishing monolingual learners' dictionaries. *In*: HARTMANN, R. R. K. (ed): **Thematic Network Projects, Sub-project 9** – Dictionaries. Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999, p. 83-98.

SACCONI, L. A. **Dicionário Essencial da Língua Portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Atual, 2001.

SALVADOR, G. **Semántica y Lexicología del Español**: estúdios y lecciones. Madrid: Paraninfo, 1985.

SARMENTO, M. S. Ecolexicography: words and expressions we should live by. *In*: **Österreichische Linguistiktagung 2000**. 30 Jahre Sprache und Ökologie. Graz: Graz Universität, 2000.

SARMENTO, M. S. Ecolexicography: ecological and unecological words and expressions. *In*: FILL, A.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (ed.) **Colourful Green Ideas**. Viena: Peter Lang Verlag, 2002. p. 487-492.

SARMENTO, M. S. Por uma ecolexicografia. **Confluências**, v. 2, p. 84-97, Mai. 2005.

STEFFENSEN, S. V. The Ecology of Grammar. Dialectical, holistic and autopoietic principles in Ecolinguistics. *In*: DÖRING, M.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (ed.). **Language, Signs and Nature**. Ecolinguistic Dimensions of Environmental Discourse. Essays in Honour of Alwin Fill. Tübingen: Stauffenburg, 2008, p. 89-105.

SVÉNSEN, B. **A Handbook of Lexicography**. The Theory and Practice of Dictionary-Making. Cambridge: CUP, 2009.

TRAMPE, W. Language and Ecological Crisis. Extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture. *In*: FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). **The Ecolinguistics Reader**. Language, ecology, and environment. Londres: Continuum, 2001, p.232-240.

WELKER, H. A. **Dicionários**. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, H. A. Pesquisas sobre o uso de dicionários para aprendizes. **Cadernos de Tradução (UFSC)**, v. 18, n. 2, p. 175-194, 2006.

WELKER, H. A. **Lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008.

Artigo recebido em: 30.03.2018

Artigo aprovado em: 13.08.2018